



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



O CARVOEIRO

P O R W A N D A

Desenhos de Castañé

OS meninos sabem muito bem, tenho a certeza, que o asseio é muito preciso, não é verdade? E mais do que preciso porque é indispensável. Sem asseio não pode haver beleza, graça, saúde e, portanto, alegria verdadeira.

Calculem, pois, o desgosto dos pais do Luizinho, um rapazinho muito interessante, muito inteligente mas que nunca andava asseado. A sua criada privativa tinha um trabalhão com ele mas, por mais que fizesse, não conseguia trazê-lo apresentável como era preciso; não se sabia, às vezes, porque artes o pequeno arranjava maneira de enxovalhar fato, cara, mãos, andando sempre enfarruscado.

De manhã, era certo, apenas acabava de tomar o seu banhozinho tépido e perfumado, todo penteado ia para o jardim com mil e uma recomendações para não se enxovalhar, o que ele solenemente prometia cumprir e que logo esquecia rebolando-se, alegre e descuidadamente na relva, picando-se nos espinhos, salpicando-se com a água do lago, procurando agarrar os lindos peixinhos encarnados que o povoavam. Ficava num lindo estado!

Na hora da lição, a pobre professora, — uma santa senhora, já idosa e paciente — afligia-se imenso porque o menino não conseguia escrever sem se manchar todo de tinta... até o cabelo a bebia, não se percebia bem como...

Que grande arrelia para os pais, quando tinham visitas a jantar, que seu filho saísse sempre da mesa todo lambudado e cheio de nódoas! E já tinha nove anos — idade mais do que suficiente para saber estar à mesa com propósito e decência. Era muitas vezes castigado não aparecendo nos jantares que os pais ofereciam, obrigados pelos deveres que a sua elevada posição, na sociedade, impunham, proi-



bido de ir para o jardim dias inteiros. Este era o maior castigo que podiam dar ao Luizinho, criança exuberante de vida, de alegria, que adorava o seu jardimzinho muito bem tratado, com lindos canteiros das mais variadas flores, rescentes trepadeiras de rosas, glicínias, madre-silva, árvores de frutos, olaias e o lago com cascata e peixinhos, aos quais todas as tardes dava a merendar bocadinhos de pão. Dia em que ficava proibido deste prazer, era o mais infeliz dos garotos; chorava todo o dia lamentando a sua sorte, desejando ser peixinho, borboleta, caracol para poder andar, á vontade, no jardim.



A mãe sofria imenso por se ver obrigada a infligir este castigo, — que ela sabia ser tão doloroso ao seu querido filhinho, mas queria ver se o emendava, se fazia d'ele um rapaz apresentável, com hábitos do acao, — porque é sempre detestavel e dum péssimo efeito o espectáculo duma pessoa desleixada. Ele, porém, não se emendava. Sempre estouvado, sempre desastrado, um cabeça no ar, um carvoeiro... chamava-lhe a criada.

E, como esta vida é cheia de contrastes singulares, na rua onde estava situado o palacete do riquíssimo banqueiro Dr. Alberto Soares — pai de Luis, havia uma carvoaria e nela um carvoeirito de 10 anos que raramente se via enfarruscado e que, para conseguir esse quasi milagre, passava tormentos.

Condoído da sua grande desgraça — a maior desgraça que pode acontecer a alguém: — perder pai e mãe ao mesmo tempo — trouxe-o o patrão da sua terra, na Beira Alta, e metera-o na loja a vender quilos de carvão e decilitros de vinho. O pobre Chico sentia-se feliz, ao abrigo da miséria, mas custava-lhe ver-se tão escuro... ele que era tão branquinho e tinha tão lindos caracois loiros... loiros como o ouro...

Só tinha saudades da sua terra porque lá, pelo meio das fazendas, havia uns poços muito redondos e cobertos de folhagem onde ele mergulhava quando queria e tão delectado como na mais confortável piscina. Conformava-se, porém... que havia de fazer? Mas quando tinha um instantinho de vagar, quando a freguesia não aparecia, metia-se dentro do seu cubículo e, num alquidarsito de barro, lavava-se, lavava-se até se sentir aliviado da negrura do carvão. O pior era o sabão! O tio Antonio dava-lhe, de vez em quando, um bocadito mas gastava-se num instante... Não havia sabão que chegasse para tantas esfregadelas diárias...

A Emilia, criada de banqueiro Soares, gostava imenso do Chico e brincava sempre muito com elle: — Ai, Chiquito, que mal empregado és em carvoeiro!... Mais pareces um principe encantado em carvoeiro... nem o carvão te suja!

Quantas senhoras desejariam ter os teus caracois, — dizia ella puxando por uma madeixa que o pequeno tinha sobre a testa; e elle sentia já uma adoração pela criada que o acarinhava tanto.

Um dia, entrando Emilia na carvoaria, viu o garoto com os lindos olhos azuis, muito escuros, muito grandes, encarnados e inchados de chorar. — Que te fizeram Chiquito? — Ainda lacrimejante, elle pegou-lhe familiarmente na mão, levou-a para um canto e, muito baixinho, numa candura enternecedora, perguntou: — O' menina Emilia, lá em casa deitam as côdeas de sabão fóra? — Muito admirada e divertida pelos modos do carvoeiro, perguntou-lhe ella porque queria elle saber isso — Era que... sim... se deitassem fora umas «côdinhas»... nem que fossem assim — e mostrava a cabeçita do dedo — em vez de deitarem fora... podiam ser para mim...

— E para que as queres? — interrogou rindo. — Para me lavar... não gosto de me ver enfarruscado... e o tio Antonio jura que, tão depressa, não-me dá sabão...

— E' porque tu lhe fizeste alguma partida, Chiquito...

— Eu... fiz mal... mas elle dava-me tão pouco sabão que... eu ia ao caixote onde estão as barras e... tirava, por baixo umas lasquinhas, pequerruchinhas... Hoje descobriu e bateu-me... o pior é que agora... não me dá mais e eu... — os soluços abafavam-no — Não sei como elle percebeu... não sei...

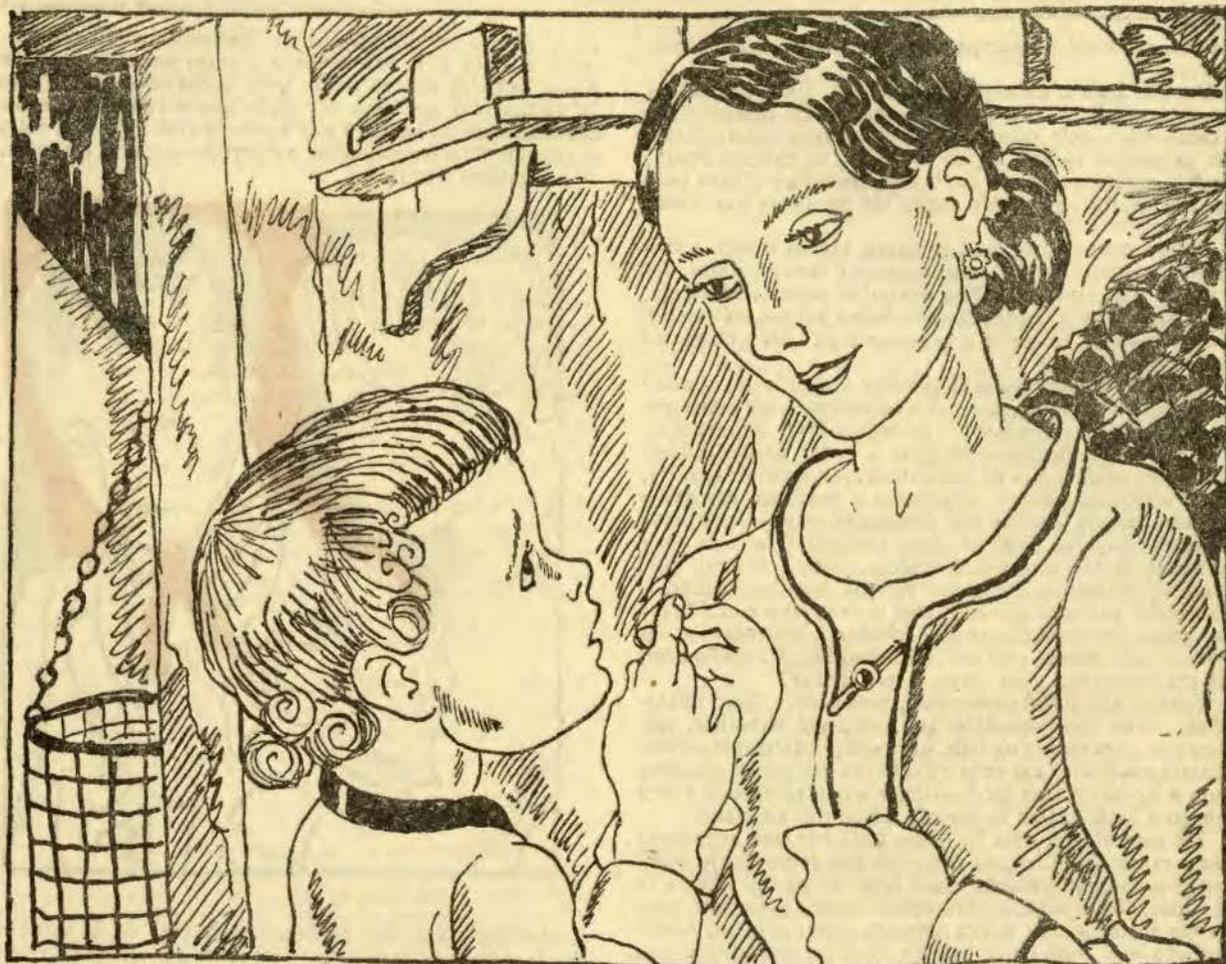
— Fizeste mal Chico, é preciso que comprendas que nunca se deve tirar nada mesmo com boa intenção, mesmo para andar aseado. Tu lavavas a cara mas ficavas com a alma suja por uma má acção. Julgavas que não se descobria mas agora ficaste sabendo que a verdade não gosta de andar escondida. Nosso Senhor, que vê tudo, quiz mostrar-te que sabia... Bem, não chores mais, hei-de trazer-te sabão porque tambem não te quero ver enfarruscado, meu principe carvoeiro, e alisando lhe os caracois ria-se, condoída a boa Emilia que em casa, não ponde deixar de contar ás companheiras a historia do Chiquito — É bem verdade que «dá Deus nozes a quem não tem dentes»... Aquele falta-lhe o



sabão para ser feliz; o menino Luizinho só se julga feliz quando o deixam andar feito carvoeiro! E á noite, enquanto o vestia para o jantar contou-lhe o desgosto do carvoeiro, com os comentários inerentes á situação. O petiz não fez caso dos comentários, — se é que os ouviu — mas riu-se, deidamente, da história e, julgando-se muito engraçado, tódo importante da sua situação, contou-a á mãe, ridicularizando o pobresinho.

D. Alice, ouviu-o, muito séria, e respondeu, com uma sombra de tristeza:

— Tenho pena, meu filho, que não comprendas a lição



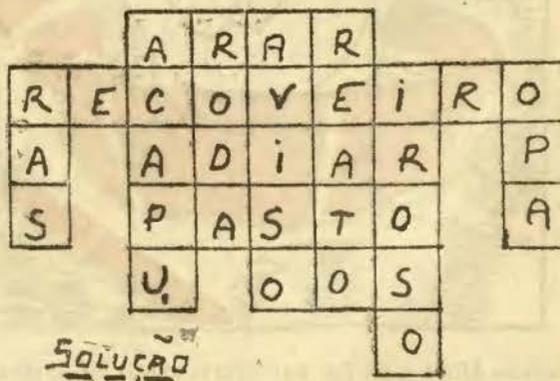
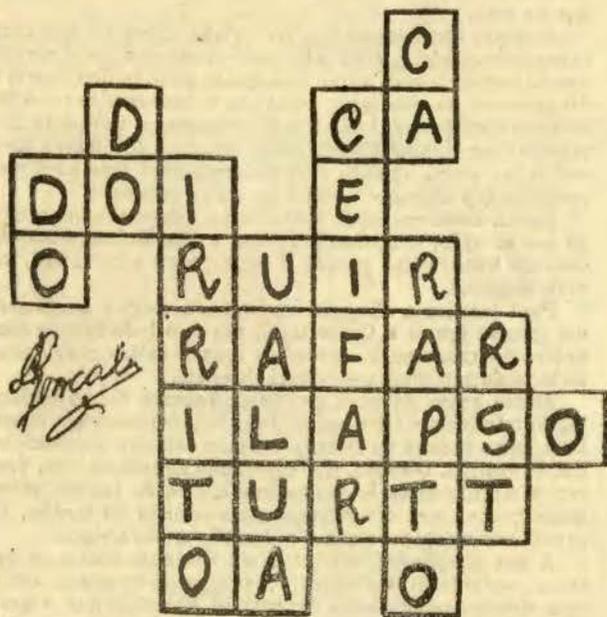
que te dá esse pobre rapaz, que aneia por aquilo que tanto desprezas; espero, porém que ainda um dia a compreendas.

Depois de muito ter pensado e combinado com o marido, mandou chamar o patrão do Chico com quem teve demorada conversa da qual resultou que, nesse mesmo dia, entrasse

Chico, carvoeiro, para o serviço do banqueiro Soares como ajudante de jardineiro, com a obrigação de andar sempre asseado; nunca ninguém o ver com uma pequena nódoa no fato. Que obrigação tão agradável para o carvoeiro... julgava sonhar! Convenceu-se, supersticiosamente deliciado,

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS ANTERIORES



LACHE - POT

que era, realmente, príncipe e que o seu desencanto começava...

Quando Luis o encontrava no jardim, tinha frouxos de riso intermináveis que o pequeno não podia compreender e, como via aquele menino tão rico sempre desmazelado, com as peúgas caídas, a gola á banda, os cabelos emaranhados, convenceu-se que devia ser paetinha e olhava para ele com muita pena, uma carita tão condóida que ainda mais fazia rir o outro.

Passaram-se muitos dias, semanas, alguns meses. Chico é sempre cumpridor dos seus deveres e tão respeitoso, delicado e meigo que D. Alice quere-lhe enternecidamente, lamentando-o pela sua triste orfandade e por um sentimento de humanidade, quiz que a professora de Luis o ensinasse igualmente.

Luisinho perguntava muitas vezes a si próprio, sem encontrar explicação, como é que o carvoeiro — era assim que ele o tratava ás escondidas — conseguia fazer sempre a escrita sem sujar os dedos de tinta e andar na jardinagem sem nunca sujar o fato de terra? Começou a entrar com ele, não a vergonha, porque desprezava o «maltrapilho» que a sua mãe quizera dar-lhe por companheiro nas lições, mas um certo despeito. Nalguns dias, sentindo a falta de companheiros da sua idade para brincar, como é natural, apeteceu-lhe chamar o Chico, mas resistia orgulhosamente... A verdade, porém, é que este, com os seus fatos muito brancos, como propositadamente o vestiam, intimidava-o um pouco... não poderia explicar, não compreendia muito bem, não era vergonha... era raiva... era raucor!

Pobre Chico! Experimentado, muito cedo, pela adversidade, tinha compreendido que precisava trabalhar, sem descanso, para vencer na vida, e era sempre diligente, sobremaneira cuidadoso em tudo quanto lhe competia; estudava tanto e aprendia com tal facilidade que a professora o deu apto para fazer exame ao mesmo tempo que Luisinho.

Foi uma alegria para D. Alice, cada vez mais encantada com o rapazinho e feliz da boa acção que estava praticando. Comprou-lhe um fatinho, quasi igual ao de seu filho, e lá foi Chico, com o coração alvorçado, fazer aquele acto para ele tão solene e que nunca pensara poder realizar. Acompanhava-os a professora, porque D. Alice esperava a essa hora a chegada de sua irmã mais velha, que há 10 anos es-

vel e, no seu coração agradecido erguiam-se cânticos e louvores a Deus e á boa senhora a quem venerava como a Nossa Senhora da sua terra; Luis, doído de alegria, cheio de entusiasmo por uma distinção que o orgulhava, tinha cabriolado de tal maneira que aparecia com a gravata solta os cabelos tódos emaralhados, o colarinho á banda, em suma, num completo desalinho...



O aspecto dos dois rapazes contrastava de tal maneira que D. Alice sentiu os olhos enevoados de lágrimas e vendo o Chico adiantar-se para ela comovido, olhou-o amorosamente. A irmã, equivocada por estas atitudes, dirigiu-se primeiro a este, dizendo:—Vem cá, Luisinho, vem dar a tua tia um grande abraço.

Chico parou, perturbado e surpreendido; D. Alice, sorriu através as lágrimas e Luis não sabia que fazer. Então a pobre senhora desfez o engano da irmã e, diante deles contou a história do pobre carvoeiro que ela tinha chamado para junto de seu filho afim de lhe dar exemplos de acção, de doçura e força de vontade — sem a qual nada se consegue na vida.

A irmã, impressionada com aquela scena de que fôra causa involuntária, disse a Chico— Anda dar-me o abraço que há bocado te pedi e que com muito gosto te dou agora; e dirigindo-se ao sobrinho, ternamente repreensiva: — vem tambem abraçar-me, Luis, e não te esqueças nunca da impressão que produziste em mim, que nem te julgava meu sobrinho; pensa quanto será doloroso para teus pais que produzas tão mau efeito sobre pessoas estranhas!

Chico, cada vez mais perturbado, lamentava no íntimo do seu coração, o menino Luisinho, e este furioso, enraivecido da humilhação porque o fazia passar o carvoeiro, jurava vingar-se.

Para festejar a chegada da cunhada, dava o Dr. Soares um grande jantar e Chico tinha um fato todo branco com botões dourados para receber os agasalhos dos convidados no topo da sumptuosa escadaria de pedra.

Pouco antes da hora de jantar, passava ele no jardim, muito tranquilo e feliz, mirando os botões luzentes, quando Luis, que o andava espreitando, passou correndo e dando-lhe um encontrão. O rapaz, não esperando aquele embate, procurou equilibrar-se e, cambaleando, caiu de joelhos sobre umas pedras que ali estavam para arranjo do jardim, ficando com as calças sujas e os joelhos muito feridos.

A sua aflicção foi indiscritível! Ele nem sentia as dores... esfregava, esfregava... magoando-se ainda mais, num delírio, numa ância de tirar as manchas que a terra fizera. Andando a custo, procurava tapar com as mãos as os joelhos, quando encontrou D. Alice que logo quiz saber oque lhe tinha acontecido.



tava em Africa, facto este que tornava aquêle dia duplamente festivo para a boa senhora.

Estavam as duas irmãs sentadas na sala quando os pequenos apareceram, felizes ambos, porque ambos tinham ficado distintos, mas em diferentes atitudes: Chico muito direito e muito correcto com o seu paletozinho claro, vinha comovido pela realisação duma vitória que julgara intangi-

Mas sei bem como foi, minha senhora; caminhava distraído... caf... fui um desgraçado... titubeou o pobre rapaz. A boa senhora, sabendo-se ouvida pelo filho, não pôde deixar de repreender severamente embora com intima má-gua, por saber o desgosto que dava ao pobresito. Mandou-o despir o fato e proibiu-o de aparecer às visitas. E, enquanto Chico chorava amarguradamente, Luisinho, delongue, ria... ria... embora, no mais recondito do seu coração, se sentisse vexado e mais uma vez humilhado pela simplicidade grandiosa com que o carvoeiro se deixara castigar sem acusar o culpado. Quizera vingar-se mas recebia mais uma lição — com nobre vingança daquele a quem queria mal... E se sua mãe pudesse, naquele instante, ler no coração do filho ficaria radiante... embora ele risse como um doído das lágrimas que fazia chorar a um pobre pequeno.

Foi, para Chico, uma noite de tristera aquela noite de festa no lindo palacete; andava errante pelo jardim, sentindo-se desgraçado por ter caído no desagrado da sua querida senhora. Porque seria que o menino o empurrara, cogitava ele? E a candura do seu coração não o deixava compeender...

Era já bastante tarde e o jardim estava mergulhado na mais completa obscuridade, quando ouviu um rumor e, logo a seguir, gritos alitivos. Correu tão depressa quanto as as dores lho permitiam, e, a custo, viu Luisinho caído no chão e preso a uns arames que ali estavam; com o maior cuidado, procurou tirar o seu inimigo daquela situação o que não foi tarefa fácil tão grande era a escuridão e tão enleado nos arames ficara o pequeno.

Luis estava sufocado de tal maneira que nem podia andar. Mesmo depois de liberto o Chico teve de o arrastar até ao seu próprio quarto onde, com o mais doce carinho, pôs tintura nos arranhões, compôs-lhe o desalinho do fato, com com os joelhos feridos no chão, recalçando as suas dores, escova-lhe o calção e os sapatos, levantava-lhe as peiças... para que o menino não fôsse repreendido, como ele fôra momentos ante... para que a sua boa senhora não se affligisse de ver o filho naquele estado... E o outro, estonteado, nervoso, aceitava todos aqueles cuidados e carinhos do irmão velho pensando só no perigo de que escapara porque se Chico não o tivesse ido salvar quem é que, áquela hora, o iria ali libertar dos arames? E, vendo aquele a quem fi, zera tanto mal, nesse mesmo dia, com os joelhos no chão — os doridos joelhos que ele próprio maguara — sentiu uma onda de enternecimento invadir-lhe o coração e, arrependido, levantou-o abraçando-se a ele, exclamando: Tu és melhor do que eu, Chico... até tenho vergonha de mim... perdôa-me! Nesse momento entrou D. Alice que há muito tempo andava procurando e este atirando-se-lhe aos braços contou-lhe, soluçando, o que tinha feito ao Chico e como duas vezes, nesse dia, Chico se vingara com tanta simplicidade.

— Ele vale mais do que eu, Mãezinha, e tu vais gostar mais d'ele do que mim... D. Alice, beijando a cabecinha tonta de seu filho, ria e chorava de felicidade porque re-

conhecia que o coração d'ele era bom e presentia grandes mudanças naquele caracter, ainda indeciso.

— As mães sofrem muito quando vêm que há meninos mais ajuizados e com melhor coração de que os seus filhos, Luizinho, mas é sempre dos seus filhos que gostam mais... Eles podem ser muito maus, meu amor... as mães têm sempre esperança de que se hão-de tornar bons... Tu não vales menos de que o Chico, visto que compreendeste tão bem a lição que ele hoje te deu! Hás-de aproveitá-la, meu filho! E assim foi!

E' claro que nunca pode ser um modelo de ponderação, sempre um pouco estouvado, cabeça no ar mas coração de ouro... Quiz que Chico — que foi daí em diante o seu companheiro o seu melhor amigo — estudasse com ele e nunca invejou as classificações, sempre melhores, que o outro ganhava e que sabia bem merecidas.

Luis é hoje director do banco de seu pai e Chico o empregado mais categorizado, o empregado de confiança e D. Alice já não encontra, no seu coração, uma grande diferença entre o amor que tem a um... e o amor que tem ao outro...

Emilia casou e tem três filhos, todos afilhados do Chico. Um dia, quando este entrava a fazer uma das suas costumadas visitas, ouviu a pequenita mais nova perguntar à mãe, depois de lhe ter ouvido uma das histórias que a entantavam e com que a mãe a entretinha enquanto costurava:

— Agora já não vêm os génios maus encantar os meninos, pois não, mãezinha?

— Ainda vêm, sim, quando os meninos são maus e fazem maldades... Olha: o teu padrinho já estava encantado em carvoeiro, disse ela rindo, vendo-o entrar.

— A pequenita correu para ele, exclamando: — E' verdade, meu padrinho?

Chico, beijando a garota, muito sério, respondeu:

— E' verdade, minha queridinha, mas houve uma boa alma que quebrou o meu encanto.

— Quem foi, padrinho perguntou a pequenita, curiosa?

— Foi tua mãe... E, apertando a mão a Emilia, disse-lhe, comovido:

— Nunca esquecerei o dia em que lhe pedi as «côidinhas» de pão, minha boa Emilia.

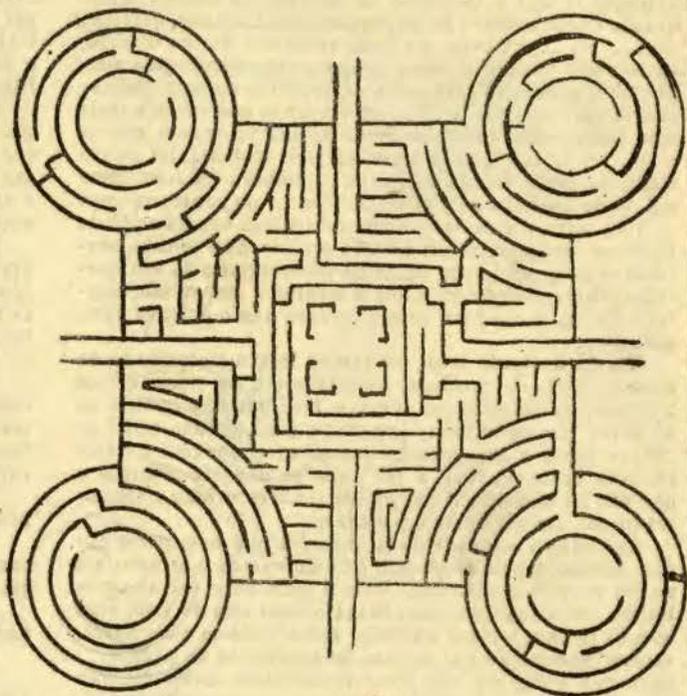


Doivinh?

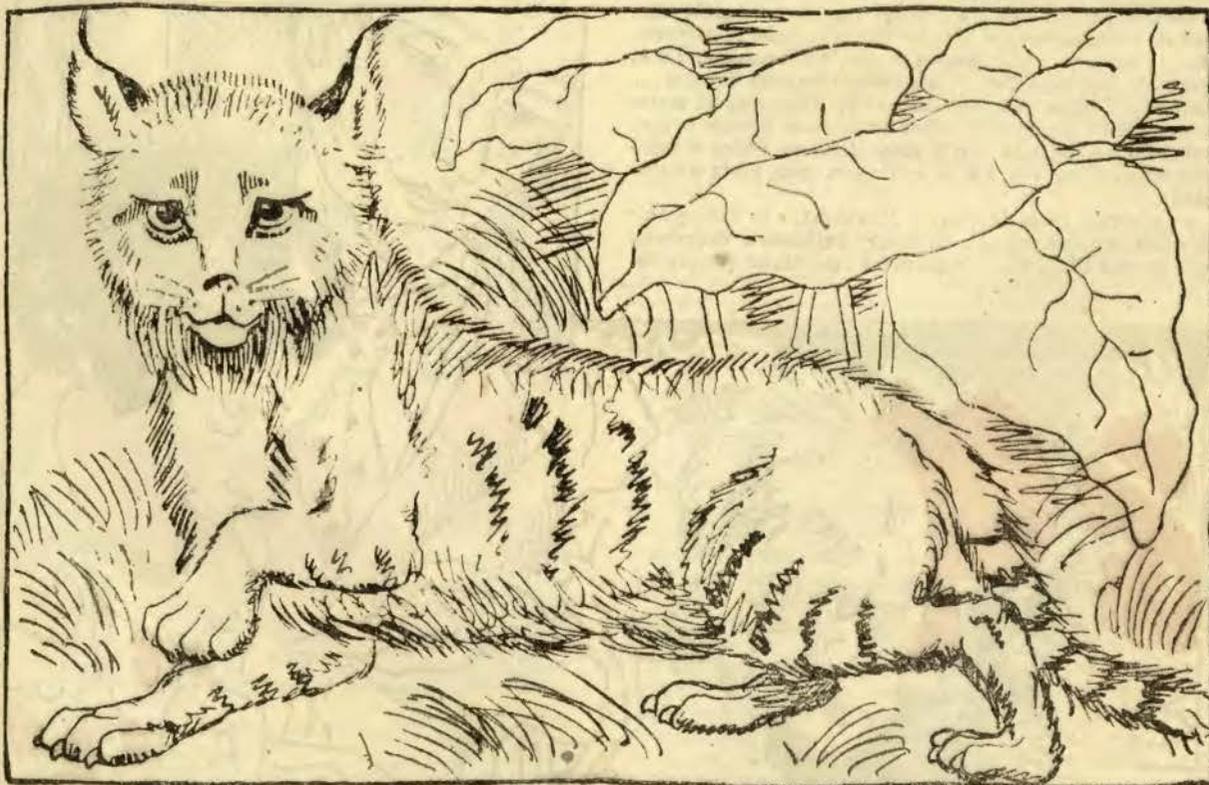
LABIRINTO



—indo
 -Onde se meteria
 o meu mario?



PARA OS MENINOS COLORIREM



O LINCE VULGAR — (Lynx vulgaris) —

MUSA INFANTIL

Asas

á Dália amiga, saudosamente

Passarinhos, que felizes
No vosso eterno rodar!
Quem me dera como vós
Ter asas para voar!...

E se eu tais asas tivesse
Sabeis vós o que faria?
Voava ao romper d'aurora
E à noite regressaria...

No seu berçozinho d'outro,
O Sol veria nascer...
Na fogueira do poente,
Iria vê-lo morrer...

Pelas noites de luar...
Visitaria as estrelas...
Contá-las-ia uma a uma,
Pra saber quantas são elas...

A's vezes, também, eu sinto,
Evolar-se, num momento,
O «eu» que medita em mim,
Nas asas do pensamento!...

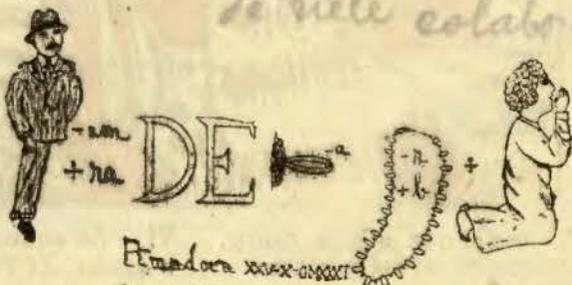
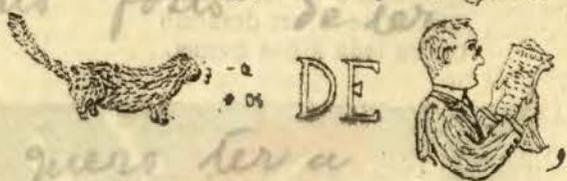
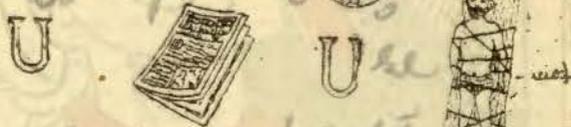
Mas estas asas, coitadas,
Não levam o corpo meu...
Só podem levar a alma
As asas que Deus me deu!...

Quem me gera, como vós,
Ter asas para voar!...
Mas só as tem a minh'alma,
Só as tem o meu pensar!...

Mimi B. Rocha

F I M

ENIGMA INFANTIL



Fundador xxx-xxxx
Mestre Emília
Cedro Veneza
[XV anos]

Adivinha



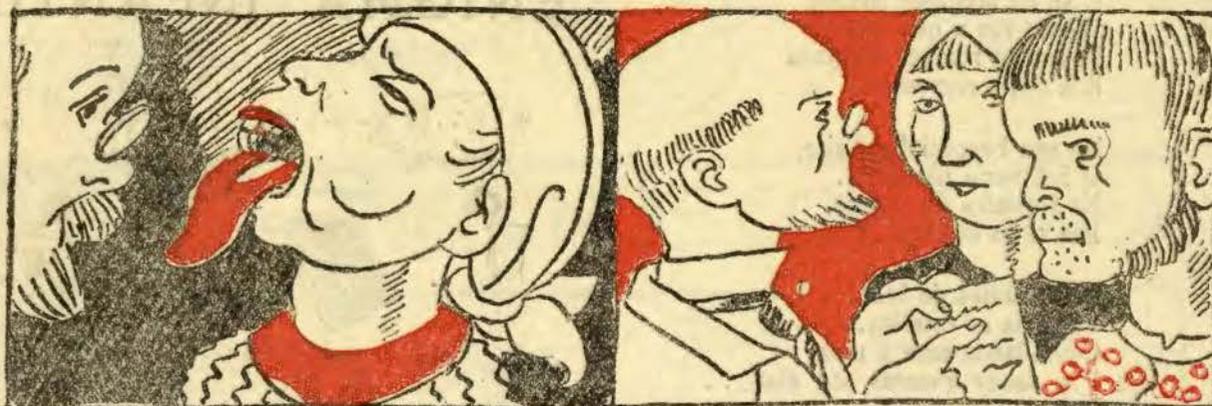
Como me chamo eu?

A exclamação do moleiro



I — O filho do «Zé dos Montes, moleiro em Albergaria, sentindo dores nas fontes, adoeceu certo dia.

II — Chamado à pressa o doutor que apareceu sem demora, diz-lhe este; — «faça favor, deite-me a língua de fora.»



III — Como era exímio em tal acto, apresenta-a de tal forma, que dir-se-ia um desacato contra toda a boa norma.

IV — Então, ao pai do petiz, logo depois de escrever a receita, o doutor diz: — «Visto um relógio não ter,



V — assim que o galo cantar, de manhã, ao sol nascente, vossentecé deve dar estas hóstias ao doente.

VI — Ao outro dia, mal viu o doutor, Zé Montes brada: — «De nada o galo serviu, pois morreu de madrugada!»

VII — «Morreu?!» diz, com grande abalo, o doutor e, noutro tom, o moleiro: — «Foi-se o galo mas o rapaz já está bom!»